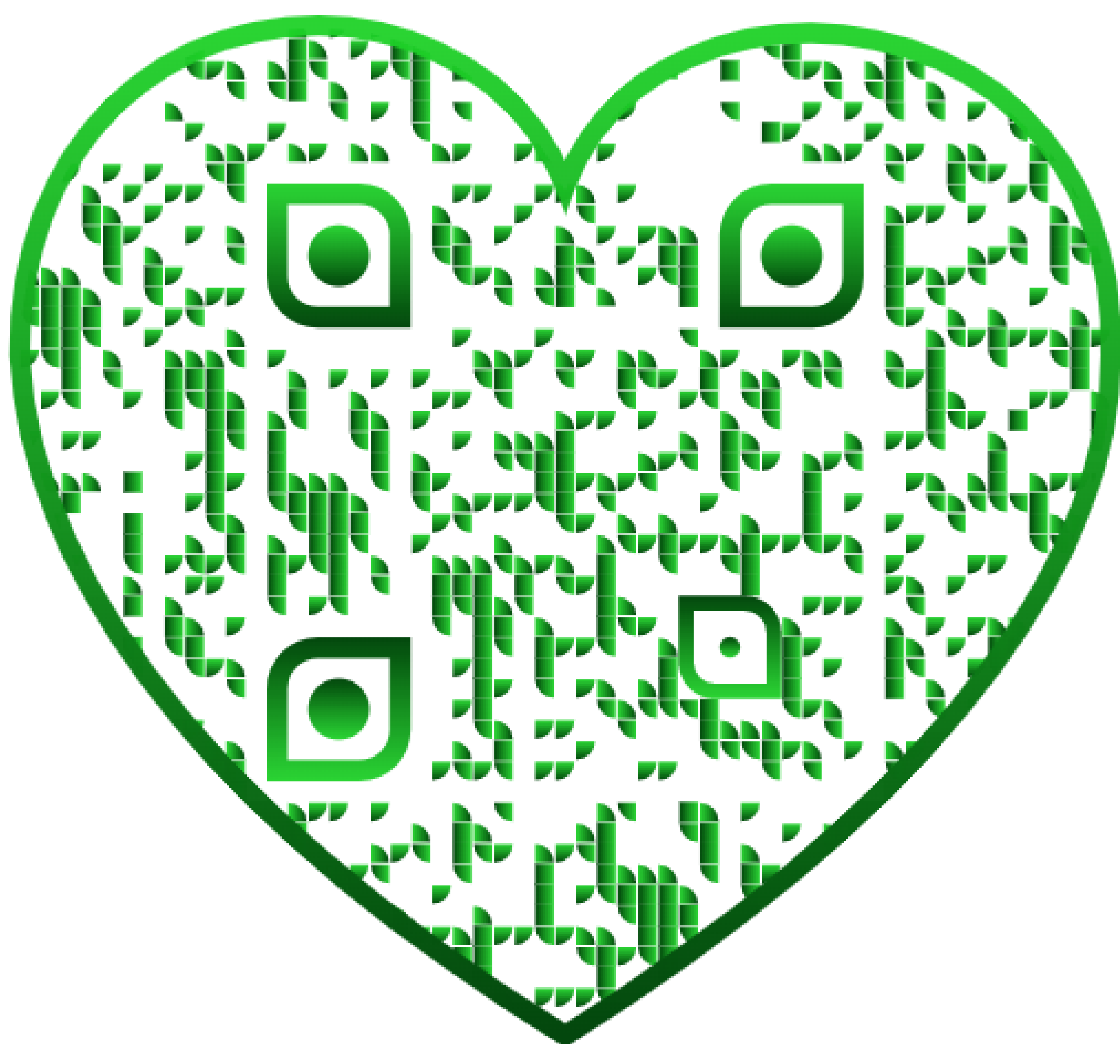
OLIVER SACKS

GRATIDÃO

Companhia Das Letras



Oliver Sacks

Gratidão

TRADUÇÃO
Laura Teixeira Motta



Agora estou face a face com a morte, mas isso não quer dizer que não quero mais nada com a vida.

Sumário

Prefácio

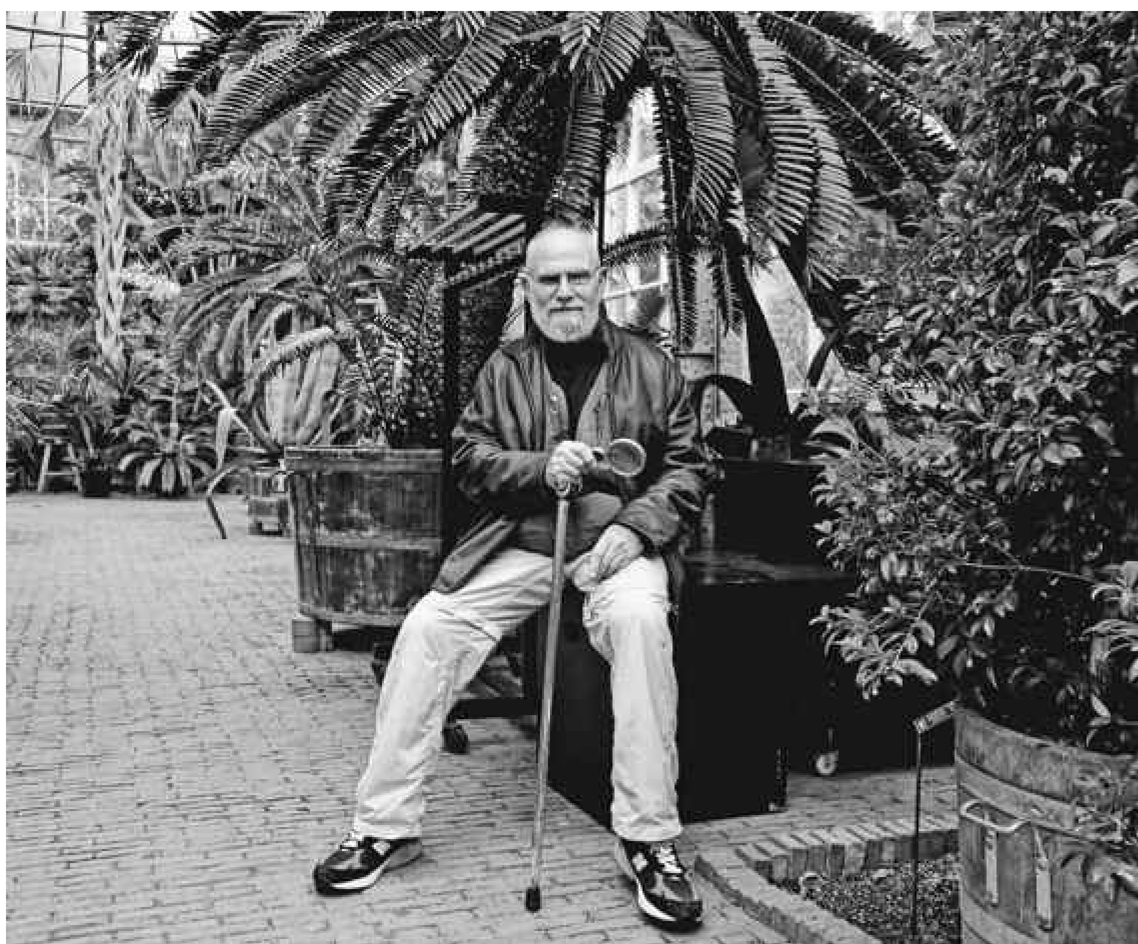
Mercúrio

My Own Life

Minha tabela periódica

Shabat

Sobre o autor



Prefácio

NESTE QUARTETO DE ENSAIOS, ESCRITOS em seus dois últimos anos de vida, Oliver Sacks encara a velhice, a doença e a morte com graça e clareza extraordinárias. O primeiro, “Mercúrio”, redigido de uma assentada alguns dias antes de seu octogésimo aniversário, em julho de 2013, celebra os prazeres da idade avançada, porém sem omitir as fragilidades do corpo e da mente que ela traz.

Dezoito meses mais tarde, pouco depois de concluir o primeiro esboço de suas memórias *Sempre em movimento*, dr. Sacks ficou sabendo que a forma rara de melanoma em seu olho, diagnosticada em 2005, apresentava agora metástase no fígado. Havia pouquíssimas opções de tratamento para aquele tipo específico de câncer, e o prognóstico médico era de talvez apenas seis meses de vida. Em poucos dias ele concluiu o ensaio “My Own Life”, no qual expressou seu inexcedível sentimento de gratidão por uma vida bem vivida. Hesitou, porém, em publicá-lo imediatamente: seria prematuro? Convinha expor ao público a notícia de sua doença terminal? Um mês depois, literalmente ao entrar na sala de cirurgia para um tratamento que lhe daria vários meses adicionais de vida ativa, ele pediu que o ensaio fosse enviado para o jornal *The New York Times*, que o publicou no dia seguinte. A extraordinária reação de solidariedade ao texto foi imediatamente gratificante para ele.

Ele passou o período de maio, junho e começo de julho de 2015 com a saúde relativamente boa: escreveu, nadou, tocou piano e viajou. Escreveu então vários ensaios, entre eles “Minha tabela periódica”, no qual reflete sobre seu eterno amor pela tabela periódica dos elementos e sobre sua própria mortalidade.

Em agosto, sua saúde declinava velozmente, mas ele devotou suas derradeiras energias para escrever. O ensaio final deste livro, “Shabat”, foi particularmente importante para ele, que revisou cada palavra vezes sem conta, destilando o texto à sua essência. “Shabat” foi publicado duas semanas antes de sua morte, em 30 de agosto de 2015.

Kate Edgar e Bill Hayes

Mercúrio



NOITE PASSADA SONHEI COM o mercúrio: glóbulos enormes, brilhantes, ora subindo, ora descendo. O mercúrio é o elemento número 80, e meu sonho é um lembrete de que na terça-feira farei oitenta anos.

Elementos químicos e aniversários andam ligados para mim desde menino, quando aprendi sobre os números atômicos. Com onze anos eu podia dizer “sou sódio” (elemento 11), e agora, aos 79, sou ouro. Alguns anos atrás, quando dei um frasco de mercúrio de presente a um amigo pelo seu octogésimo aniversário — um recipiente especial que não vaza nem se quebra —, ele me olhou de um jeito esquisito, mas depois me enviou uma cartinha simpática, gracejando: “Tomo um pouco toda manhã, para a saúde”.

Oitenta! É difícil de acreditar. Muitas vezes sinto que a vida está prestes a começar, e percebo que está quase no fim. Minha mãe era a 16ª de dezoito filhos; eu era o caçula de seus quatro rebentos, e quase o mais novo da penca de primos do seu lado da família. Também sempre fui o garoto mais novo da classe durante o ensino

médio. Conservei esse sentimento de ser o mais jovem, apesar de agora ser uma das pessoas mais velhas que conheço.

Pensei que morreria aos 41 anos, na ocasião em que sofri uma queda grave e quebrei uma perna quando subia sozinho uma montanha. Improvisei uma tala para a perna e consegui descer desajeitadamente a encosta, alavancando o corpo com os braços. Nas longas horas que se seguiram, fui assaltado por memórias, boas e más. A maioria delas continha a sensação de gratidão: pelo que recebi dos outros, e também por eu ter sido capaz de dar alguma retribuição. *Tempo de despertar*, meu segundo livro, havia sido publicado no ano anterior.

Beirando os oitenta, com esparsos problemas de saúde e cirurgias, nenhum deles incapacitante, me sinto feliz por estar vivo — "Estou feliz por não estar morto!" é uma frase que às vezes irrompe lá dentro de mim quando o tempo está perfeito. (Em contraste com uma história que ouvi de um amigo que ao caminhar por Paris com Samuel Beckett, numa manhã de primavera perfeita, lhe perguntou: "Um dia assim não te deixa feliz por estar vivo?", ouvindo em resposta: "Eu não iria tão longe".) Sou grato por ter vivenciado muitas coisas — algumas fascinantes, outras horríveis — e por ter sido capaz de escrever uma dúzia de livros, de receber incontáveis cartas de amigos, colegas e leitores e de desfrutar do que Nathaniel Hawthorne chamou de "um intercurso com o mundo".

Lamento ter perdido (e ainda perder) tanto tempo; lamento ser tão angustiantemente tímido aos oitenta quanto era aos vinte; lamento não falar outra língua além da materna e não ter viajado ou vivenciado outras culturas de modo tão produtivo quanto deveria.

Sinto que precisaria tentar concluir minha vida, seja o que for "concluir uma vida". Alguns dos meus pacientes nonagenários ou centenários dizem *nunc dimittis* — "Tive uma vida plena, agora estou pronto para ir". Para alguns deles, isso significa ir para o céu. É sempre o céu e não o inferno, embora Samuel Johnson e James Boswell estremecessem diante da ideia de ir para o inferno e se enfurecer com David Hume, que não tinha essas crenças. Quanto a mim, não creio em (nem desejo) uma existência após a morte, exceto na memória dos amigos e na esperança de que alguns dos meus livros ainda possam "falar" às pessoas depois que eu morrer.

W. H. Auden vivia me dizendo que achava que iria viver até os oitenta e então "se mandar" (viveu só até os 67). Lá se vão quarenta anos desde que ele morreu, mas ainda sonho com ele, com meus pais e com ex-pacientes. Todos se foram há muito tempo, mas são amados e importantes na minha vida.

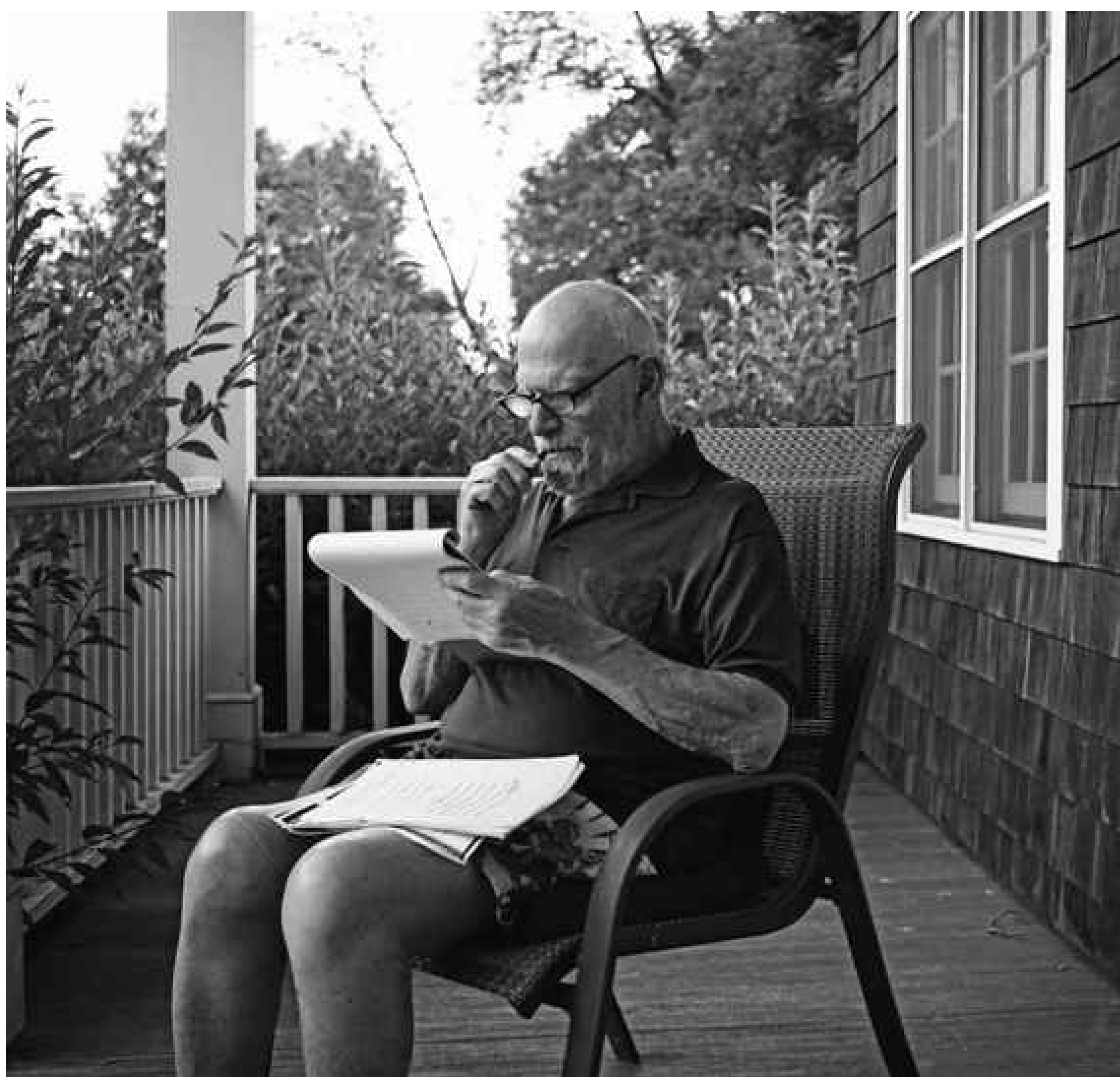
Aos oitenta paira o espectro da demência ou do derrame. Um terço dos meus contemporâneos está morto, e vários outros, com graves problemas mentais ou físicos, vivem presos numa existência trágica e mínima. Aos oitenta as marcas da decadência são demasiado visíveis. Nossas reações são um tanto mais lentas, os nomes nos fogem mais amiúde, e cumpre administrar melhor as energias, mas ainda assim é possível nos sentirmos muitas vezes cheios de vigor e nem um pouco "velhos". Quem sabe, com sorte, eu consiga seguir, mais ou menos intacto, por mais alguns anos e me seja concedida a liberdade para continuar a amar e trabalhar, as duas coisas mais importantes na vida, como garantiu Freud.

Quando chegar a minha hora, espero que eu possa morrer na ativa, como Francis Crick. Quando lhe informaram que seu câncer de có-lon tinha voltado, de início ele não disse nada; simplesmente olhou ao longe por um minuto, depois retomou o que vinha pensando. Ao lhe perguntarem sobre seu diagnóstico algumas semanas depois, ele respondeu: “Tudo o que tem um começo deve ter um fim”. Morreu aos 88 anos, ainda totalmente comprometido com seu trabalho mais criativo.

Meu pai, que viveu até os 94 anos, costumava dizer que seus oitenta anos tinham sido uma das décadas mais agradáveis de sua vida. Ele sentiu, como começo a sentir, não um encolhimento, e sim uma expansão da vida mental e da perspectiva. Nesta altura já tivemos uma longa experiência de vida, não só da nossa, mas também da de outros. Já vimos triunfos e tragédias, altos e baixos, revoluções e guerras, grandes realizações e profundas ambiguidades também. Já assistimos notáveis teorias ascenderem e acabarem derrubadas por fatos teimosos. Somos mais conscientes da transitoriedade e, talvez, da beleza. Aos oitenta podemos relembrar um vasto panorama e ter um senso claro de história vivida impossível aos mais novos. Posso imaginar, sentir nos ossos, o que é um século, coisa que não podia fazer aos quarenta ou sessenta. Não penso na velhice como uma fase cada vez mais penosa que é preciso suportar e levar o melhor possível, mas como um período de liberdade e tempo descomprometido, sem as infundadas urgências de outrora, livre para explorar o que eu quiser e para amarrar os pensamentos e sentimentos de toda uma vida.

Não vejo a hora de fazer oitenta anos.

My Own Life



UM MÊS ATRÁS EU me sentia com boa saúde, robusto até. Aos 81 anos, ainda nado um quilômetro e meio por dia. Mas minha sorte acabou: há algumas semanas, soube que tenho múltiplas metástases no fígado. Faz nove anos que descobriram um tumor raro em um dos meus olhos, um melanoma ocular. Radiação e aplicações a laser para remover o tumor acabaram me deixando cego daquele olho. No entanto, embora os melanomas oculares apresentem metástase em talvez 50% dos portadores, no meu caso, devido às suas particularidades, a probabilidade era muito menor. E eu me insiro na desafortunada minoria.

Sou grato porque me foram concedidos no-ve anos de boa saúde e produtividade desde o primeiro diagnóstico, mas agora estou face a face com a morte. O câncer ocupa um terço do meu fígado e, embora seja possível desacelerar seu avanço, esse tipo específico não pode ser detido.

Agora devo escolher como viver durante os meses que me restam. Tenho de viver do modo mais rico, profundo e produtivo que puder. Encorajam-me as palavras de um dos meus filósofos favoritos,

David Hume, que, ao saber-se portador de uma doença mortal aos 65 anos, escreveu uma breve autobiografia em um único dia de abril de 1776. Intitulou-a “My Own Life”.

“Agora conto com uma dissolução rápida”, ele escreveu. “Sofro pouquíssima dor com minha enfermidade; e mais estranho é que, não obstante o grande declínio em minha pessoa, nunca sofri um momento sequer de abatimento do ânimo. […] Possuo o mesmo ardor de sempre no estudo, e a mesma alegria em meio a companhia.”

Tive a sorte de viver mais de oitenta anos, e os quinze que me foram destinados, além dos 65 de Hume, se mostraram igualmente ricos em trabalho e amor. Nesse período pu-bliquei cinco livros e concluí uma autobiografia (bem mais longa que as poucas páginas de Hume); tenho vários outros livros quase terminados.

Hume prosseguiu: “Sou […] um homem de temperamento brando, gênio contido, humor franco, social e jovial, capaz de afeição mas pouco suscetível a inimizades, e de grande moderação em todas as minhas paixões”.

Aqui destoo de Hume. Embora tenha tido amores e amizades e nenhuma verdadeira inimizade, não posso dizer (e ninguém que me conhece dirá) que sou um homem de índole branda. Ao contrário, sou um homem de temperamento impetuoso, com entusiasmos violentos e extrema imoderação em todas as minhas paixões.

Contudo, uma linha do ensaio de Hume me impressiona por ser especialmente verdadeira: “É difícil estar mais desligado da vida do que tenho estado agora”.

Nesses últimos anos tenho sido capaz de ver minha vida como que de uma grande altitude, como uma espécie de paisagem, e com uma noção crescente da conexão entre todas as suas partes. Isso não quer dizer que não quero mais nada com a vida. Muito pelo contrário, sinto-me intensamente vivo, e desejo e espero, no tempo que ainda me resta, aprofundar minhas amizades, dizer adeus àqueles a quem amo, escrever mais, viajar, se tiver forças, atingir novos patamares de compreensão e descortino.

Será preciso audácia, clareza e franqueza; tentar pôr em ordem as minhas contas com o mundo. Mas haverá tempo, também, para alguma diversão (e até um pouco de bobagem).

Sinto uma repentina clareza de enfoque e de perspectiva. Não há tempo para o que não é essencial. Devo me concentrar em mim mesmo, no meu trabalho e nos meus amigos. Não assistirei mais ao noticiário toda noite. Não vou mais prestar atenção em política ou em discussões sobre o aquecimento global.

Não é indiferença, é distanciamento. Ainda me sensibilizo muito com o Oriente Médio, com o aquecimento global, com a desigualdade crescente, mas eles não são mais da minha conta; pertencem ao futuro. Exulto quando conheço jovens talentosos — inclusive o que fez a biópsia e o diagnóstico das minhas metástases. Sinto que o futuro está em boas mãos.

Já faz uns dez anos que ando cada vez mais consciente de mortes entre meus contemporâneos. Minha geração está na reta final, e sinto cada morte como uma ruptura, como uma parte de mim que é arrancada. Não haverá ninguém como nós quando partirmos, mas pensando bem nunca uma pessoa é como outra. Quem morre não

pode ser substituído. Deixa lacunas que não podem ser preenchidas, pois é o destino — destino genético e neural — de todo ser humano ser um indivíduo único, encontrar seu próprio caminho, viver sua própria vida, morrer sua própria morte.

Não consigo fingir que não estou com medo. Mas meu sentimento predominante é a gratidão. Amei e fui amado, recebi muito e dei algo em troca, li, viajei, pensei, escrevi. Tive meu intercurso com o mundo, o intercurso especial dos escritores e leitores.

Acima de tudo, fui um ser senciente, um animal que pensa, neste belo planeta, e só isso já é um enorme privilégio e uma aventura.

Minha tabela periódica


A.R.LURIA

AGUARDO COM ANSIEDADE, quase com sofreguidão, a chegada semanal de revistas como a *Nature* e a *Science*, e vou logo para os artigos sobre ciências físicas — e não, como talvez devesse, para os de biologia e medicina. Foram as ciências físicas que me proporcionaram o primeiro encantamento de menino.

Em um número recente da *Nature* há um artigo empolgante do físico Frank Wilczek, ganhador do prêmio Nobel, sobre um novo modo de calcular as massas de nêutrons e prótons, que diferem ligeiramente. O novo cálculo confirma que os nêutrons são um pouquinho mais pesados do que os prótons: a razão de suas massas é de 939,56563 para 938,27231 — uma discrepância ínfima, alguém poderia pensar, mas se fosse diferente, o universo como o conhecemos nunca poderia ter se desenvolvido. A capacidade de efetuar esse cálculo, escreveu o dr. Wilczek, “nos anima a predizer um futuro no qual a física nuclear atingirá o nível de precisão e versatilidade que a física atômica já atingiu”. Uma revolução que eu, infelizmente, não verei.

Francis Crick estava convencido de que "o problema difícil" — compreender como o cérebro origina a consciência — seria resolvido até 2030. "Você verá", ele vivia dizendo a Ralph Siegel, meu amigo neurocientista, "e talvez você também, Oliver, se chegar à minha idade." Crick viveu 88 anos, trabalhando e pensando sobre a consciência até o fim. Ralph morreu prematuramente, com 52 anos, e agora eu, aos 82, tenho uma doença terminal. Devo dizer que não me preocupo demais com "o problema difícil" da consciência. Aliás, não vejo como um problema. Mas me entristeço porque não conhecerei a nova física nuclear conjeturada pelo dr. Wilczek, nem uma infinidade de outras descobertas nas ciências físicas e biológicas.

X

ALGUMAS SEMANAS ATRÁS, no campo, longe das luzes da cidade, vi o céu inteiro "polvilhado de estrelas" (palavras de Milton); eu imaginava que só seria possível ver um céu assim em platôs altos e áridos como o de Atacama, no Chile (onde ficam alguns dos telescópios mais potentes do mundo). Foi esse esplendor celeste que de súbito me fez perceber o pouco tempo, a curta vida que me resta. Minha ideia de beleza celeste, de eternidade, ficou inseparavelmente mesclada a uma ideia de transitoriedade — e de morte.

Falei para os meus amigos Kate e Allen: "Gostaria de ver de novo um céu como esse quando estiver morrendo".

"Levaremos você para fora", eles disseram.

Encontro consolo, desde que escrevi em fevereiro sobre meu câncer metastático, nas centenas de cartas que recebo, nas expressões de amor e apreço e no sentimento de que (apesar de tudo) eu talvez tenha tido uma vida boa e útil. Continuo a me sentir muito feliz e grato por tudo isso, mas nada mais me afeta como o céu repleto de estrelas daquela noite.

Desde muito pequeno minha tendência é lidar com a perda — a perda de pessoas que me são caras — voltando-me para o que não é humano. Quando me mandaram para um colégio interno aos seis anos, na eclosão da Segunda Guerra Mundial, os números se tornaram meus amigos; retornei a Londres, aos dez, e os elementos e a tabela periódica passaram a ser meus companheiros. Épocas difíceis ao longo de toda a minha existência levaram-me a buscar as ciências físicas ou retornar a elas: um mundo onde não há vida, mas também não há morte.

E agora, a esta altura, quando a morte já não é um conceito abstrato mas uma presença — uma presença muito próxima, impossível de negar —, volto a me cercar, como quando menino, de metais e minerais, pequenos emblemas da eternidade. Numa ponta da mesa de onde escrevo tenho o elemento 81 em uma graciosa caixa que amigos dos elementos me mandaram da Inglaterra. Ela diz: “Feliz Tálio Aniversário”, uma lembrança do meu 81º aniversário em julho passado; depois vem um reino dedicado ao chumbo, elemento 82, para meu 82º aniversário, celebrado no começo deste mês. Também há uma caixinha de chumbo contendo o elemento 90, tório, o cristalino tório, belo como o diamante e, obviamente, radioativo — daí a caixa de chumbo.

X

NO COMEÇO DO ANO, semanas antes de eu saber que tinha câncer, eu me sentia até bem, apesar de ter parte do fígado tomado por metástases. Quando o câncer no fígado foi tratado, em fevereiro, com uma injeção de minúsculos glóbulos nas artérias hepáticas, um procedimento chamado embolização, me senti péssimo durante as duas primeiras semanas, mas depois melhorei, carregado de energia física e mental. (As metástases tinham sido quase eliminadas, temporariamente, pela embolização.) Deram-me, assim, não uma remissão, mas uma intermissão, um tempo para aprofundar amizades, ver pacientes, escrever e viajar de volta ao meu país natal, a Inglaterra. Nesse período as pessoas mal conseguiam acreditar que eu tinha uma doença terminal, e eu mesmo podia facilmente me esquecer disso.

A sensação de saúde e energia começou a declinar de maio para junho, mas pude celebrar com classe o meu 82º aniversário. (Auden dizia que uma pessoa sempre deve comemorar seu aniversário, não importa como se sinta.) Mas agora tenho um pouco de náusea e perda de apetite, calafrios de dia, suores à noite e, sobretudo, um cansaço generalizado, com exaustão súbita quando exagero. Continuo a nadar diariamente, só que mais devagar, pois começo a me sentir sem fôlego. Antes dava para negar, mas agora sei que estou doente. Uma tomografia em 7 de julho confirmou que as metástases não só tornaram a crescer no fígado, mas também se disseminaram para fora dele.

Comecei um novo tipo de tratamento, imunoterapia, na semana passada. Não deixa de ter seus riscos, mas espero que me dê mais alguns bons meses. Porém, antes de iniciar esse tratamento, eu quis me divertir um pouco: uma viagem à Carolina do Norte, para ver o maravilhoso centro de pesquisas com lêmures da Universidade Duke. Os lêmures se situam próximos do tronco ancestral do qual brotaram todos os primatas, e me alegra pensar que um de meus ancestrais, há 50 milhões de anos, era uma criaturinha arborícola não muito diferente dos lêmures atuais. Amo a vitalidade saltadora deles, sua natureza curiosa.

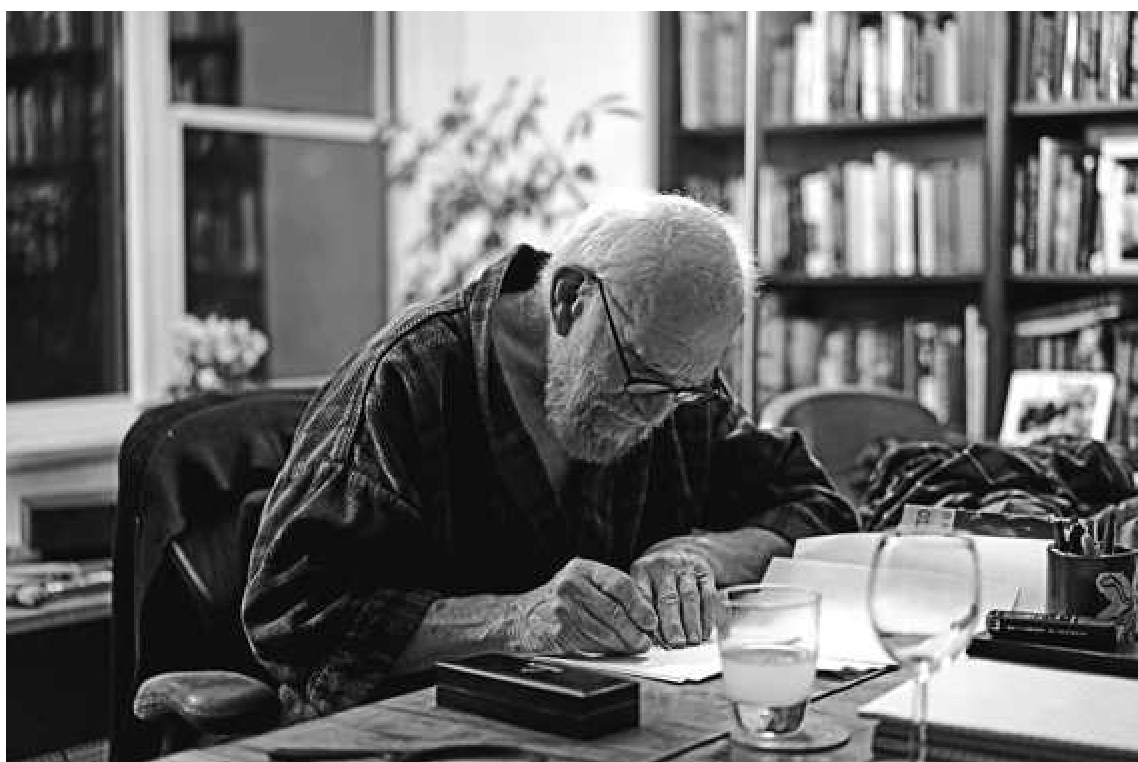
X

VIZINHA DO CÍRCULO DE chumbo na mesa fica a terra do bismuto: encontrado naturalmente na Austrália; pequeninos lingotes de bismuto em formato de limusine vindos de uma mina boliviana; bismuto resfriado lentamente numa fundição para dar origem a belos cristais iridescentes, formados como uma aldeia Hopi; e, em homenagem a Euclides e à beleza da geometria, um cilindro e uma esfera feitos de bismuto.

O bismuto é o elemento 83. Acho que não verei o meu 83º aniversário, mas me dá uma certa esperança, um certo encorajamento, ter o “83” por perto. Além do mais, tenho um carinho especial pelo bismuto, um metal cinzento humilde, pouco badalado, ignorado até por muitos amantes dos metais. Meu sentimento de médico pelos maltratados ou marginalizados estende-se ao mundo inorgânico e encontra um paralelo no meu sentimento pelo bismuto.

É quase certeza que não verei meu aniversário polônio (84º), e eu não iria mesmo querer nenhum polônio por perto, com sua radioatividade intensa e assassina. Porém, na outra ponta da mesa — minha tabela periódica —, tenho um belo pedaço de berilo (elemento 4) trabalhado à máquina, para me lembrar da infância e de há quanto tempo começou esta minha vida, que se encerrará em breve.

Shabat



MINHA MÃE E SEUS dezessete irmãos e irmãs tiveram uma criação ortodoxa. Todas as fotografias de seu pai mostram-no de kipá na cabeça, e me contaram que ele acordava se o kipá caísse durante a noite. Meu pai também veio de família ortodoxa. Ambos eram muito cônscios do Quarto Mandamento (“Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo”), e o Shabat (Shabbos, como o chamávamos à nossa maneira *litvak*) era totalmente diferente dos outros dias da semana. Não era permitido fazer nenhum tipo de trabalho, nem dirigir, nem usar o telefone; era proibido acender a luz e usar o fogão. Por serem médicos, meus pais abriam exceções. Não podiam deixar o telefone fora do gancho, nem evitar dirigir todas as vezes; precisavam estar disponíveis para atender pacientes, operar, fazer partos, se necessário.

Vivíamos numa comunidade judaica razoavelmente ortodoxa em Cricklewood, no nordeste de Londres. O açougueiro, o padeiro, o verdureiro, o peixeiro, todos fechavam suas lojas a tempo para o Shabbos, e só tornavam a abrir as portas na manhã de domingo.

Todos eles, e imaginávamos que todos os nossos vizinhos, celebravam o Shabbos de um modo muito parecido com o nosso.

Por volta do meio-dia da sexta-feira, minha mãe despia-se de sua identidade e traje de cirurgiã e se dedicava a preparar guefilte fish e outras iguarias para o Shabbos. Pouco antes de anoitecer, ela acendia as velas rituais e, protegendo as chamas com as mãos em concha, murmurava uma prece. Todos púnhamos roupas recém-lavadas e nos reuníamos para a primeira refeição do Shabat, a refeição noturna. Meu pai erguia seu cálice de prata com vinho e recitava as bênçãos e o Kiddush; depois da refeição, ele nos regia na hora de dar graças.

Nas manhãs de sábado, meus três irmãos e eu seguíamos nossos pais até a sinagoga de Cricklewood em Walm Lane, uma imensa *shul* construída nos anos 1930 para acomodar parte do êxodo de judeus do East End que na época afluíram para Cricklewood. A *shul* era sempre cheia durante minha infância, e todos tínhamos lugares marcados, os homens no andar de baixo, e as mulheres — minha mãe, várias tias e primas — no de cima; quando pequeno, eu às vezes acenava para elas durante o serviço. Embora eu não entendesse o hebraico do livro de orações, amava seu som e em especial o canto de antigas preces medievais, puxado pelo nosso chazam, tão musical.

Todos nos encontrávamos e nos misturávamos do lado de fora da sinagoga depois do serviço; geralmente íamos a pé até a casa de minha tia Florrie e seus três filhos para recitar um Kiddush, acompanhado por vinho tinto doce e bolos de mel, apenas o suficiente para abrir o apetite. Depois de um almoço frio em casa —

guefilte fish, salmão escaldado, geleia de beterraba —, as tardes de sábado, se não fossem interrompidas por chamados de emergência médica para meus pais, eram dedicadas a visitas da família. Tios, tias e primos vinham para o chá, ou nós íamos à casa deles; nossas casas eram todas próximas.

X

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL dizimou nossa comunidade judaica em Cricklewood, e a comunidade da Inglaterra como um todo perderia milhares de pessoas nos anos pós-guerra. Muitos judeus, inclusive primos meus, emigraram para Israel; outros foram para Austrália, Canadá ou Estados Unidos; meu irmão mais velho, Marcus, foi para a Austrália em 1950. Muitos dos que permaneceram assimilaram-se e adotaram formas de judaísmo diluídas, atenuadas. Nossa sinagoga, que lotava quando eu era criança, foi se esvaziando ano após ano.

Recitei minha parte do bar mitsvá em 1946 para uma sinagoga relativamente cheia onde estavam várias dezenas dos meus parentes, mas para mim esse foi o fim da prática judaica formal. Não passei a seguir as obrigações rituais de um judeu adulto — orar todos os dias, pôr os *tefilin* antes da oração matinal — e gradualmente me tornei mais indiferente às crenças e aos hábitos dos meus pais, embora não houvesse nenhum momento específico de ruptura até meus dezoito anos. Foi quando meu pai, ao indagar sobre meus sentimentos sexuais, me impeliu a admitir que eu gostava de rapazes.

"É só uma sensação, nunca 'fiz' nada", eu disse, e acrescentei: "não conte para mamãe: ela não aceitaria."

Ele contou, e na manhã seguinte ela desceu com uma expressão horrorizada e gritou para mim: "Você é uma abominação. Quisera que você nunca tivesse nascido". (Sem dúvida ela estava pensando no versículo do Levítico que diz: "O homem que se deita com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometeram uma abominação, deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles".

Nunca mais se falou no assunto, mas suas palavras duras me fizeram odiar a capacidade da religião para a intolerância e a crueldade.

Depois de me formar médico, em 1960, afastei-me abruptamente da Inglaterra, da família e da comunidade que eu tinha lá, e fui para o Novo Mundo, onde não conhecia ninguém. Quando fui morar em Los Angeles, encontrei uma espécie de comunidade entre os halterofilistas da Muscle Beach e entre meus colegas neurologistas residentes da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, mas ansiava por algum vínculo mais profundo — um "significado" — para minha vida, e acho que foi a ausência disso que me impeliu para um vício quase suicida em anfetaminas nos anos 1960.

A recuperação começou, de forma lenta, quando passei a fazer um trabalho significativo em Nova York, num hospital para doentes crônicos no Bronx (o "Mount Carmel" sobre o qual escrevi em *Tempo de despertar*). Eu era fascinado por aqueles meus pacientes, gostava muito deles e sentia que era uma missão contar suas histórias — relatos de situações quase desconhecidas, um tanto inimagináveis para as pessoas comuns e até para muitos dos meus

pares. Eu tinha descoberto minha vocação, e me dediquei a ela com tenacidade, determinação e um pouco de incentivo dos colegas. Quase inconscientemente, tornei-me um contador de histórias numa época em que a narrativa médica estava quase extinta. Isso não me dissuadiu, pois eu sentia que minhas raízes remontavam aos grandes relatos de casos neurológicos do século XIX (e minhas inclinações foram encorajadas pelo grande neuropsicólogo russo A. R. Lúria). Era uma existência solitária, quase monástica, mas profundamente gratificante, que eu teria por muitos anos.

X

NOS ANOS 1990 CONHECI um primo e contemporâneo, Robert John Aumann, homem de aparência notável com uma constituição atlética e robusta e uma barba branca comprida que, mesmo aos sessenta anos, lhe dava a aparência de um ancião sábio. Ele é um homem de grande capacidade intelectual, mas também muito caloroso e terno, com um profundo compromisso com a religião — “compromisso”, por sinal, é uma de suas palavras favoritas. Embora em seu trabalho ele defenda a racionalidade nos assuntos econômicos e humanos, para ele não existe conflito entre razão e fé.

Ele insistiu para que eu tivesse uma mezuzá na porta de casa, e me trouxe uma de Israel. “Sei que não acredita, mas você deve ter uma mesmo assim”, explicou. Não discuti.

Em uma entrevista memorável em 2004, Robert John discorreu sobre o trabalho de toda a sua vida em matemática e teoria dos

jogos, mas também falou de sua família, contou que ia esquiar e subir montanhas com alguns dos seus quase trinta filhos e netos (um cozinheiro kasher os acompanhava, munido de panelas), e falou sobre a importância que o Shabat tinha para ele.

“A observância do Shabat é belíssima”, disse ele, “e é impossível quando não se é religioso. Não é nem mesmo uma questão de melhorar a sociedade. É uma questão de melhorar sua própria qualidade de vida.”

Em dezembro de 2005, Robert John recebeu o prêmio Nobel por seus cinquenta anos de trabalho fundamental em economia. Ele não foi um hóspede muito fácil para o Comitê Nobel; chegou a Estocolmo com sua família, incluindo muitos daqueles filhos e netos, e todos tinham de ter pratos, utensílios e comida kasher especiais, e roupas formais específicas, sem a mistura de lã e linho proibida biblicamente.

Naquele mesmo mês diagnosticaram câncer em meu olho, e no mês seguinte, enquanto eu estava em tratamento no hospital, Robert John veio me visitar. Contou uma porção de histórias interessantes sobre o prêmio Nobel e a cerimônia em Estocolmo, mas fez questão de me dizer que, se tivesse sido obrigado a viajar para Estocolmo num sábado, precisaria recusar o prêmio. Seu compromisso com o Shabat, aquela paz absoluta e o distanciamento dos assuntos mundanos do dia consagrado, teriam prevalecido até sobre um Nobel.

X

EM 1955, AOS 22 ANOS, fui para Israel para trabalhar durante vários meses em um kibutz e, embora tenha gostado, decidi não ir mais. Apesar de tantos primos meus terem se mudado para lá, a política do Oriente Médio me transtornava, e eu desconfiava que me sentiria deslocado em uma sociedade tão religiosa. Mas na primavera de 2014, ao saber que minha prima Marjorie, uma médica que fora protegida de minha mãe e trabalhara em medicina até os 98 anos, estava à beira da morte, telefonei para Jerusalém para dizer-lhe adeus. Com uma voz inesperadamente forte e ressonante e um sotaque bem parecido com o de minha mãe, ela disse: “Não pretendo morrer agora. Vou comemorar meu aniversário de cem anos em 18 de junho. Quer vir?”.

“Sim, claro!”, respondi. Quando desliguei, me dei conta de que em poucos segundos eu revertera uma decisão de quase sessenta anos.

Foi uma visita puramente familiar. Celebrei os cem anos de Marjorie com ela e sua família estendida. Vi dois outros primos de quem gostava muito nos meus tempos de Londres, inúmeros primos de segundo e terceiro graus e, obviamente, Robert John. Senti-me acolhido pela minha família como nunca me sentira depois da infância.

Estava um pouco receoso por visitar minha família ortodoxa com meu companheiro, Billy — as palavras maternas ainda me ecoavam na mente. Mas Billy também foi recebido com carinho. O quanto as atitudes haviam mudado, até mesmo entre os ortodoxos, ficou claro quando Billy e eu fomos convidados por Robert John para fazer com ele e sua família a primeira refeição do Shabat.

A paz do Shabat, de um mundo parado, um tempo fora do tempo, era palpável, infundia-se em tudo, e me vi encharcado de melancolia, uma coisa parecida com nostalgia, a me perguntar e se: e se A, B e C tivessem sido diferentes? Que tipo de pessoa eu poderia ter sido? Que tipo de vida poderia ter levado?

Em dezembro de 2014 concluí minhas memórias, *Sempre em movimento*, e dei o manuscrito ao meu editor; nem sonhava que dias depois seria diagnosticado com câncer metastático, decorrente do melanoma que aparecera em meu olho nove anos antes. Fico feliz por ter podido concluir minhas memórias sem saber disso, e de ter conseguido, pela primeira vez na vida, fazer uma declaração total e franca sobre minha sexualidade, enfrentar o mundo de peito aberto, sem mais trancar segredos culposamente dentro de mim.

Em fevereiro, senti que deveria ser igualmente franco com respeito ao meu câncer — e a enfrentar a morte. Aliás, eu estava no hospital quando meu ensaio sobre esse assunto, “My Own Life”, foi publicado no *The New York Times*. Em julho escrevi outro texto para o jornal, “Minha tabela periódica”, na qual o cosmo físico e os elementos que amo ganhavam vida própria.

E agora fraco, sem fôlego, os músculos an-tes firmes derretidos pelo câncer, encontro meus pensamentos cada vez mais, não no âmbito sobrenatural ou espiritual, e sim no que se quer dizer com levar uma vida boa, que valha a pena — alcançar a sensação de paz dentro de si mesmo. Encontro meus pensamentos rumando em direção ao Shabat, o dia de descanso, o sétimo dia da semana, e talvez o sétimo dia da nossa vida também, quando podemos sentir

que nosso trabalho está feito e, com a consciência em paz, descansar.

Os textos originais desta edição foram publicados no jornal *The New York Times* como "The Joy of Old Age" (6 jul. 2013), "My Own Life" (19 fev. 2015), "My Periodic Table" (24 jul. 2015) e "Sabbath" (14 ago. 2015).



SOBRE O AUTOR

Oliver Sacks nasceu em Londres em 1933 e formou-se pelo Queen's College em Oxford. Concluiu sua especialização médica no Hospital Mount Zion, em San Francisco, e na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Mudou-se então para Nova York e logo encontrou os pacientes sobre quem ele escreveria em *Tempo de despertar.*

O dr. Sacks trabalhou durante quase cinquenta anos como neurologista e escreveu muitos livros, entre eles *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu*, *Alucinações musicais* e *A mente assombrada*, sobre as estranhas atribulações e doenças neurológicas de seus pacientes. O jornal *The New York Times* referiu-se a ele como "o poeta laureado da medicina", e ao longo dos anos ele recebeu muitos prêmios, entre eles homenagens da Fundação Guggenheim, da National Science Foundation, da American Academy of Arts and Letters e do Royal College of Physicians. Suas memórias, *Sempre em movimento*, foram publicadas pouco antes de sua morte, em agosto de 2015.

Para mais informações, visite www.oliversacks.com.

Copyright © 2015 by Oliver Sacks
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Gratitude

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Ilustração de capa
Zaven Paré

Fotos de miolo
Bill Hayes (www.billhayes.com)

Preparação
Julia Barreto

Revisão
Ana Luiza Couto
Isabel Jorge Cury

ISBN 978-85-438-0466-8

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br